

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CAMPUS DE VITÓRIA - ES

IVAN LOPES MIQUELINE

VOLEIBOL ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA E SUAS
POSSIBILIDADES DE ENSINO



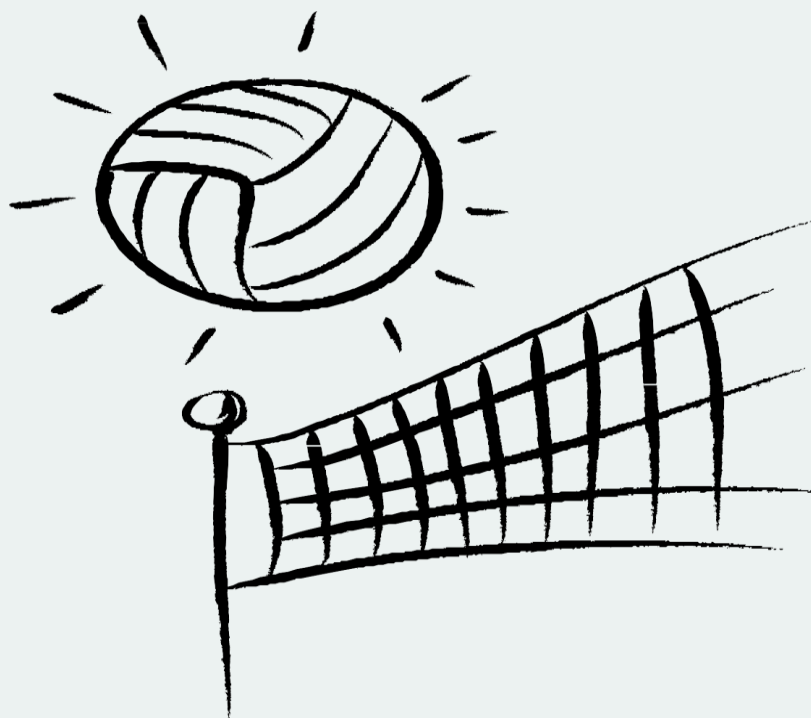
VITÓRIA-ES
2024

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



IVAN LOPES MIQUELINE

**VOLEIBOL ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA E SUAS
POSSIBILIDADES DE ENSINO**



VITÓRIA-ES
2024

REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL- PROEF
CAMPUS DE VITÓRIA - ES

PRODUÇÃO E EXECUÇÃO

IVAN LOPES MIQUELINE

SUPERVISÃO GERAL

DR. UBIRAJARA DE OLIVEIRA

COLABORADORES

ESTUDANTES DA TURMA DO 8º ANO C (VESPERTINO) DA EMEF
"EUVIRA BENEDITA DA SILVA", NO ANO DE 2024

FOTOGRAFIAS

FOTOS EXTRAÍDAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR
PESQUISADOR DEVIDAMENTE AUTORIZADAS PELOS RESPONSÁVEIS
LEGAIS. IMAGENS ILUSTRATIVAS UTILIZADAS DO APLICATIVO "CANVA".

VITÓRIA - ES

2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M618v Miqueline, Ivan Lopes, 1992-
Voleibol Escolar : uma proposta pedagógica e suas possibilidades de ensino / Ivan Lopes Miqueline. - 2024. 38 p. : il.

Orientador: Ubirajara de Oliveira.
Produto Técnico-Tecnológico (Outro) (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

I. Jogos. 2. Educação física (Ensino fundamental). 3. Ensino - metodologia. 4. Inovação educacional. 5. Participação escolar. I. Oliveira, Ubirajara de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

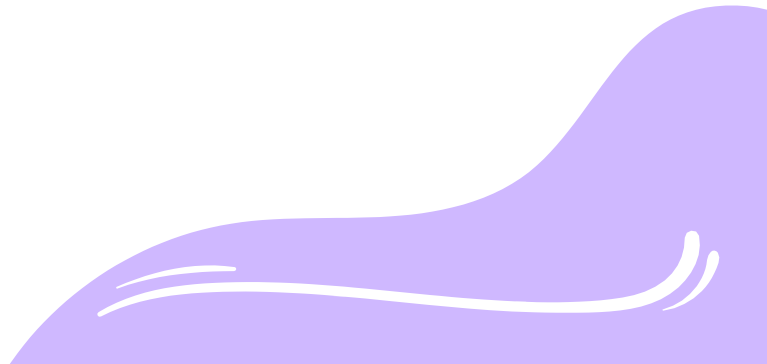
CDU: 796

Referência da Dissertação:

MIQUELINE, Ivan Lopes. **VOLEIBOL ESCOLAR: uma proposta pedagógica e suas possibilidades de ensino**. Orientador: Dr. Ubirajara de Oliveira. 2024. 110 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2024.

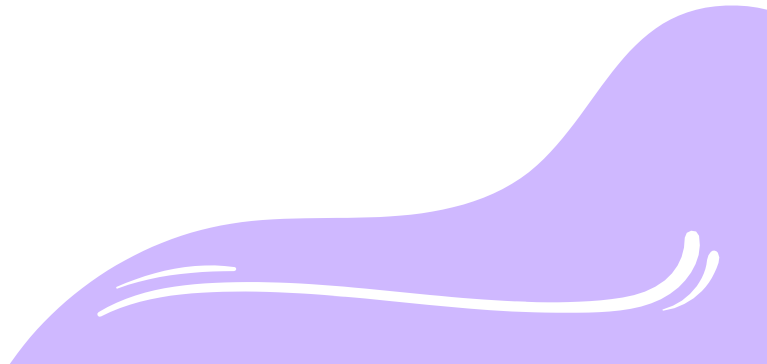
LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1 - Adaptação e reconstrução de novas regras realizadas pelos alunos..18
- Fotografia 02 – Reunião dos alunos para discussão sobre o novo regulamento18
- Fotografia 03 – Reunião dos alunos para discussão sobre o novo regulamento18



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
1 INTRODUÇÃO	09
2 O ESPORTE “DA ESCOLA”	12
3 TRAJETO DA PESQUISA ATÉ A ELABORAÇÃO DO CADERNO DE REGRAS..	14
4 O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DAS REGRAS	17
REFERÊNCIAS	21



APRESENTAÇÃO

Sou Ivan Lopes Miqueline, professor de Educação Física nas redes municipais de Cariacica e Guarapari (ES), Licenciado em Educação Física pela Universidade Vila Velha (UVV), Pós-graduado em Educação Física Escolar. Em 2022 ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), e em 2024, como desdobramento da minha dissertação lhe apresento este Recurso Pedagógico.

O objetivo geral deste estudo foi construir uma proposta pedagógica para o ensino do Voleibol e seu desenvolvimento na Educação Física Escolar. Dentre os objetivos específicos, buscamos levantar os principais problemas e obstáculos ao ensino do voleibol na minha escola; desenvolver uma proposta de ensino do voleibol, considerando os espaços físicos utilizando o jogo como abordagem, avaliando a intervenção e refletir sobre as possibilidades de desenvolvimento do Voleibol.

A pesquisa foi desenvolvida na EMEF “Euvira Benedita Cardoso da Silva”, situada no bairro Novo Brasil, no município de Cariacica, ES, onde atuo como docente na rede municipal. Os sujeitos da pesquisa são os estudantes de uma turma do 8º ano do turno vespertino, no ano de 2023 e 2024, totalizando 30 participantes, sendo 17 meninos e 13 meninas com faixa etária entre 13 e 15 anos. O projeto foi desenvolvido em 20 aulas, divididas em 4 fases:

- 1ª fase: Na aula 1, os alunos pontuaram as dificuldades enfrentadas pela turma na realização do voleibol na escola e fora dela, no que se refere a materiais, espaço físico, etc. Na aula 2, descreveram como realizavam os jogos de voleibol, até aquele momento, como: regras utilizadas, combinados, frequência de jogos e, principalmente, as dificuldades apresentadas pelos colegas durante os jogos. Na terceira aula, os alunos se dividiram em grupos de 6 alunos. Posteriormente, cada grupo pensou possibilidades para realização do voleibol, considerando as dificuldades enfrentadas, principalmente problemas relacionados ao espaço físico. Os grupos foram orientados a conversar e trocar informações com outros grupos.
- 2ª fase: Nas aulas 4, 5, 6, 7 e 8, cada grupo apresentou e desenvolveu as possibilidades que seu grupo pensou como alternativa para determinada dificuldade relacionada ao espaço físico.
- 3ª fase: Na sequência, nas aulas 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 cada grupo

propôs jogos que levaram em consideração as dificuldades da turma na realização dos jogos de voleibol. Cada grupo teve 2 aulas para realizar o jogo proposto com a turma.

4ª fase: Na aula 19 foi realizado o torneio interclasse. Por fim, na aula 20, os alunos responderam a um questionário, em que eles avaliaram sua participação no processo de ensino-aprendizagem, descrevendo os impactos positivos e negativos das atividades realizadas. Também descreveram se o processo influenciou na maneira como eles compreendem o esporte.

A realização da pesquisa foi autorizada pela unidade de ensino envolvida, tendo como único fim a utilização na Dissertação de Mestrado e neste “Recurso Pedagógico”. O uso da imagem dos/as estudantes participantes deste material foi autorizado por seus responsáveis legais por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa de intervenção pedagógica foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE: 68054123.5.0000.5542, em 28 de Junho de 2023.

Espero que este material possa contribuir com ensino da Educação Física Escolar, possibilitando a reflexão de professores que encontram dificuldades semelhantes no ensino do esporte. Por fim, dedico este Recurso Pedagógico aos estimados alunos que muito se dedicaram no processo de ensino/aprendizagem.

Cordialmente, Prof. Ivan Lopes Miqueline



1 INTRODUÇÃO

No ano de 2017 fui convocado a assumir o cargo de professor estatutário da rede Municipal de Cariacica, até então minha maior carga horária de trabalho estava voltada a musculação. Minha transição para a escola foi muito difícil porque não tive muito suporte pedagógico, além de ser um contexto totalmente complexo, onde a demanda é enorme e a dinâmica totalmente diferente de uma academia.

No ambiente escolar, deparei-me com o esporte, fenômeno sociocultural que possui muito apelo dentro da escola e que envolve muitos desafios. Apesar de ter sido um adolescente muito ativo em modalidades como vôlei, basquete, handebol e, principalmente, futebol, tinha agora, como professor, a responsabilidade de transmitir uma visão diferente do esporte. No desenvolvimento do trabalho escolar com esse conteúdo, enfrentei a dificuldade de implementação de práticas inovadoras baseadas em abordagens críticas como a Abordagem construtivista e a Crítico-superadora. Com o tempo, essa dificuldade se tornou insegurança, devido às inúmeras variáveis e possibilidades envolvidas. Meu percurso até o “ser Professor”, talvez, justifique essa dificuldade.

Nesse sentido, Bracht et al. (2018, p. 73) “[...] reforçam a ideia de que não é possível dissociar o professor da ‘pessoa’; conseqüentemente, não é possível desvincular sua trajetória individual pessoal de sua trajetória pedagógica [...]”. Ainda, os mesmos autores destacam que

Os professores inovadores aderem a uma postura de busca constante por conhecimentos que os auxiliem no processo de elaboração de suas aulas, percebendo demandas trazidas pela vida na escola como desafios que a mobilizam estarem em formação, reformulando constantemente suas percepções sobre os alunos, sobre a função da EF e sua função como professor (Bracht et al., 2018, p. 71).

Em minha realidade atual, a dificuldade está relacionada ao ensino do voleibol, por ser um esporte que possui movimentos muito específicos e técnicos e que envolve ações estranhas ao movimento natural do ser humano, como a manchete, por exemplo. Somada a essa problemática está a superação de limites impostos pelo contexto e o espaço de aula, que precisam ser contornados por estratégias metodológicas que atendam às necessidades dos alunos.

Diante dessas questões, surgem algumas indagações: Como os alunos interpretam o voleibol? Como ensinar o voleibol sem se prender às técnicas

específicas do esporte? Como desenvolver as metodologias, os objetivos, o processo de ensino-aprendizagem? Que competências é possível desenvolver nos alunos por meio do ensino do voleibol? Como transformar essa dificuldade em combustível para a transformação?

Desta forma, ao se pensar na Educação Física escolar, é fundamental levar em consideração os diferentes desafios que o professor encontra diariamente, assim como, as possibilidades de que as abordagens e metodologias de ensino oferecem. Neste sentido, o conhecimento a respeito dos métodos e estratégias contemporâneas de ensino da Educação Física, pode contribuir com o desenvolvimento da atuação do professor diante da realidade escolar, além de auxiliar nas dificuldades que surgem no dia a dia.

Não obstante, é fundamental ensinar a criança a ampliar e aperfeiçoar os movimentos, possibilitando o uso coletivo dessas capacidades. Oliveira (2021) relata que uma proposta metodológica diferenciada, que considere a inclusão no jogo de todos os participantes, resgata o gosto pela atividade e a autonomia do indivíduo na prática. Desse modo, o aluno precisa compreender melhor o próprio corpo para conseguir respeitar e conviver com o corpo alheio.

Magalhães e Oliveira (2022) relatam a importância da escolha de uma metodologia que alie as necessidades dos alunos à intervenção do professor, além do olhar atento do docente na qualidade da prática, na organização do jogo, nas ações e movimentos realizados ao longo do processo. Um fator importante relacionado às esperadas ações dos professores é a busca por novas capacitações e estarem abertos a mudanças.

As abordagens que representaram o rompimento com a visão tradicional de ensino do esporte consideram a participação dos alunos na adaptação e criação dos jogos, modificação da área de jogo, quantidades de jogadores, modificação de regras e outras possibilidades que vão além do ensino da tática e da técnica, estimulando a autonomia do aluno na construção do conhecimento o que pode influenciar na vontade do aluno de aprender.

Estes métodos de ensino se estruturam na realização dos pequenos jogos como metodologia pedagógica, sendo necessário que estes sejam voltados aos interesses dos alunos, considerando sempre os ajustes que podem ser feitos durante o processo ensino-aprendizagem para que as competências e os objetivos dos professores possam ser atingidos.

Sabemos que o tratamento do esporte mudou ao longo dos últimos anos e que seu desenvolvimento na escola não é fácil, pois a prática envolve inúmeros fatores sociais, políticos e econômicos que devem ser tratados de maneira responsável pelos professores, para que o ensino possa ser baseado na criticidade e na construção de valores positivos que possam contribuir para a formação dos alunos. O esporte é patrimônio cultural riquíssimo e está presente em todas as camadas da sociedade, devendo ser estudado em todos os seus níveis, seja no nível educacional, formal ou recreativo.

Este trabalho busca refletir sobre nossa prática profissional, visando encontrar elementos que possam contribuir para a superação de adversidades que estão presentes no dia a dia do professor e alunos. Para tanto, buscamos, por meio de uma proposta de ensino, proporcionar um ambiente de aprendizado que encoraje a resolução de problemas, soluções criativas, um ambiente de colaboração, respeito e solidariedade.



2 O ESPORTE “DA ESCOLA”

Pensar no esporte como uma manifestação ampla e plural se mostra complexo e a sua análise não pode ser simples. Se pensado como facilitador na formação do indivíduo, deve-se buscar mais do que a ocupação do tempo de ócio ou a descoberta de talento. É fundamental idealizar propostas pedagógicas que sejam capazes de contestar o lugar social do esporte, fortalecendo seu papel como ferramenta para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

Para Vago (1999), o desafio atual está em abordar o esporte pedagogicamente, como uma prática verdadeiramente educativa, que institui relações tanto pacíficas como de conflito com outros meios sociais. Taffarel (2000) reforça que várias são as tentativas de corroborar uma prática pedagógica na Educação Física que amplie a compreensão dos conhecimentos, que adote uma intervenção capaz de tratar o esporte de forma crítica, reflexiva, e que possa ser inserida nos projetos pedagógicos das instituições educacionais.

A escola, diante desse cenário e dos desafios impostos, deve, através dos seus currículos, exercer sua função social, oferecendo e explorando o protagonismo dos alunos. Deve possibilitar que eles possam, gradualmente, assumir a responsabilidade pelo seu próprio aprendizado, com a criação de processos identitários coletivos e individuais, representados por uma posição dos alunos em papéis realizados por eles mesmos, enquanto autores das regras e das formas de ação que conhecem, interpretam, determinam as condições e transformam os objetos sociais. Portanto, a Educação Física deve ensinar o esporte utilizando intervenções que possam ampliar os conceitos, levando em consideração outras dimensões do conhecimento que vão além da dimensão procedimental.

Kunz (2004, p.85) ao apontar o esporte como conteúdo da Educação Física escolar descreve que

“deve haver no mínimo uma transformação didático-pedagógica dos seus elementos básicos – como os movimentos padronizados e as regras preestabelecidas de execução, para poder-se utilizá-lo como conteúdo pedagógico na Educação Física Escolar. Sua importância cultural e social é sem dúvida inquestionável, porém, isto não garante a sua legitimidade no contexto escolar sem profundas transformações”.

Para tanto é fundamental repensar o desenvolvimento do esporte escolar, é preciso pensar práticas que possibilitem atingir algumas dimensões do conhecimento,

entre elas a que proporciona a construção de valores relativos ao combate a qualquer preconceito e ao respeito as diferenças. Devemos assumir que apesar de ter um avanço teórico e prático, ainda estamos um pouco distantes da realidade que gostaríamos, como por exemplo, da superação de estereótipos e preconceitos externados durante as práticas corporais.

Desse modo, podemos dizer que o esporte da escola tem suas características, que são próprias: busca transformar o conceito de esporte já existente a partir de processos que buscam valorizar a construção, a reconstrução e a contextualização do conhecimento. Tais processos visam sempre à inclusão e adaptações que se julgam necessárias para determinada realidade. Nessa lógica, os alunos devem compreender que, para realizar uma prática esportiva, não é necessário possuir uma série de componentes físicos ou jogar como os profissionais que eles veem pela televisão.

Portanto, a escola, por meio do professor, precisa dar liberdade e proporcionar condições para o aluno refletir e questionar o esporte através de uma prática educativa que se torne um vetor cultural e político de vivências positivas, centradas no fortalecimento de identidades e na afirmação das diferenças. Ademais, é fundamental proporcionar condições para a prática do esporte, sem distinção de classe, gênero, raça, idade ou limitações de qualquer natureza, a fim de combater os processos históricos de segregação e exclusão.

Apesar de não sanar os problemas sociais, o esporte visto de maneira mais ampla pode contribuir para uma sociedade mais justa e igual, na medida em que pode ser direcionado para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e, conseqüentemente, a modificação dos meios de reprodução da vida social. Portanto, é preciso refletir que tipo de esporte está sendo desenvolvido dentro das escolas, uma vez que se pode possibilitar, através de uma intervenção intencional, um trabalho pautado e problematizado na valorização da pluralidade cultural e no confronto da desigualdade social.

3 TRAJETO DA PESQUISA ATÉ A ELABORAÇÃO DO CADERNO DE REGRAS

A proposta de pesquisa foi direcionada para a estruturação de uma estratégia pedagógica que pudesse oportunizar aos alunos a construção conjunta de alternativas para a prática do voleibol, considerando os possíveis obstáculos do contexto, buscando, assim, promover, através das discussões, situações de aprendizados cooperativos e o protagonismo estudantil como consequência.

Para a estruturação da pesquisa, foram consideradas quatro fases. A primeira fase consistia em fazer o diagnóstico da prática do voleibol realizada pelos alunos até aquele momento, fazendo o levantamento das experiências anteriores, realizadas fora e dentro escola, incluindo: as principais dificuldades individuais para a prática do voleibol, as principais regras utilizadas nos jogos realizados anteriormente e os desafios relacionados ao espaço físico para a prática do voleibol.

Para a coleta das informações, foram utilizadas rodas de conversas na quadra e na sala de aula, utilizando perguntas pré-elaboradas, visando extrair o maior número de informações possíveis. Porém o debate não ficou restrito a essas perguntas, pois os alunos tiveram liberdade para expor suas angústias para além das perguntas. Para Hoffmann (2008, p. 68), busca-se, através da avaliação diagnóstica,

Investigar seriamente o que os alunos “ainda” não compreenderam, o que “ainda” não produziram, o que “ainda” necessitam de maior atenção e orientação [...] enfim, localizar cada estudante em seu momento e trajetos percorridos, alterando-se radicalmente o enfoque avaliativo e as “práticas de recuperação”.

Para responder às perguntas da primeira fase, os alunos foram orientados a expor, inicialmente, suas experiências individuais e, posteriormente, as do grupo. Algumas das questões respondidas foram: Você joga voleibol fora e na escola? Quais as principais dificuldades relacionadas ao espaço físico para a prática do voleibol no seu bairro e na escola? Quais as principais regras utilizadas fora e dentro da escola?

A partir das respostas dos alunos, foi possível traçar a prática do voleibol até então realizada dentro e fora da escola. Essa avaliação possibilitou contextualizar a prática do voleibol, permitindo uma análise importante da realidade e a forma como o esporte é visto pelos estudantes.

Na segunda fase da pesquisa, os alunos foram divididos em 5 grupos de 6 alunos, para que pudessem desenvolver, em diálogo com os outros grupos, uma

proposta que colaborasse com o desenvolvimento do voleibol na escola, considerando todo o diagnóstico inicial que eles realizaram sobre suas vivências na primeira fase. Durante as discussões, a mediação foi feita pelo professor-pesquisador, que visou enriquecer o debate com questões que pudessem ampliar as reflexões. Tais questões surgiram dos próprios temas gerados e elencados no momento dos diálogos realizados pelos alunos.

Essa estratégia metodológica objetivou aumentar o envolvimento dos alunos e proporcionar mais sentido ao conhecimento aprendido por eles durante o processo de ensino-aprendizagem, criando espaços para a tomada de decisões e a solução de problemas. Nesse sentido, Darido (2008) e Lorenz e Tibeau (2003) afirmam a importância de se buscarem situações nas quais os estudantes possam atingir uma aprendizagem significativa, consciente, ativa e prazerosa.

Uma vez iniciada as discussões, surgiram muitas propostas e, com elas, o desafio de organizar as sugestões. Como eram muitas informações, decidimos resumir, inicialmente, as ideias em tópicos para que, posteriormente, pudéssemos distribuir as demandas aos grupos.

Nesse sentido, um grupo de alunos propôs a adaptação de uma quadra de voleibol em meia quadra, devido à necessidade de divisão do espaço com outra turma em um dia da semana. O mesmo grupo sugeriu que, com as adaptações, novas marcações deveriam ser feitas e que poderiam ser diferentes da marcação da quadra oficial, para facilitar o jogo. Classificamos essa sugestão como tópico: adaptações físicas para quadra.

Com o andamento das discussões, surgiu a proposta de serem feitas novas regras, uma vez que a quadra de vôlei seria refeita em meia quadra, considerando a ideia do grupo 1. Durante o diálogo e orientações, eles chegaram à conclusão de que um novo regulamento deveria ser feito, com regras simplificadas e objetivas que atendesse ao novo formato da quadra e as necessidades do grupo. Classificamos essa sugestão como tópico: novo regulamento. Foi desta proposta que emergiu este recurso pedagógico.

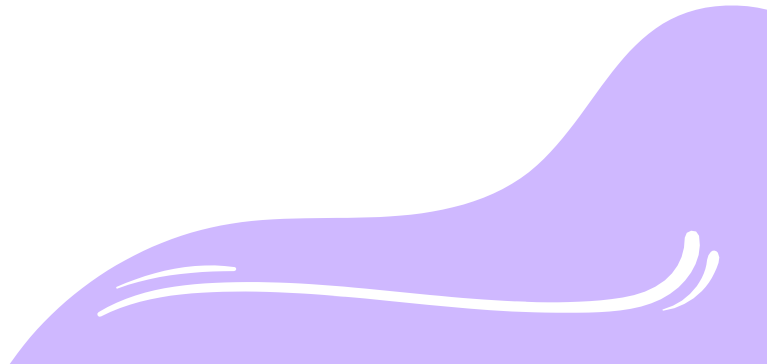
Outro grupo, percebendo as ideias até então sugeridas, propôs que fosse feito um torneio interclasses e que tal evento poderia estimular os alunos a quererem jogar. Os alunos se colocaram à disposição para organizar o evento. Esse tópico foi classificado como: organização do interclasses.

Com isso, o quarto grupo sugeriu fazer jogos entre as turmas, como forma de

apresentação da nova prática do voleibol, pois, segundo eles, ajudaria na participação das salas no torneio interclasses. Eles sugeriram oferecer esses jogos no intervalo do recreio sob supervisão do professor-pesquisador. Esse tópico ficou nomeado como: “jogos de apresentação”.

Com as discussões avançadas, o quinto grupo, no sentido de contribuir com as outras propostas, colocou-se à disposição para arbitrar os jogos do interclasses, assim como realizar a marcação de pontuação. Essa última sugestão ficou nomeada como “Arbitragem do torneio interclasses”.

As questões pautadas pelos alunos foram evoluindo gradativamente a medida que os grupos iam trocando informações a respeito de suas respectivas propostas. Em especial, a proposta de construção de um novo caderno de regras exigiu do grupo um movimento de reflexão das regras existentes e também uma busca de outros grupos para troca de informações e propostas a respeito das modificações na estrutura do jogo, do espaço físico e da organização dos eventos futuros.



4 O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DAS REGRAS

Com a proposta da criação de novas regras, tivemos que definir um ponto de partida. Com isso, em uma decisão conjunta com os alunos, decidimos que eles deveriam, inicialmente, fazer a leitura do caderno de regras oficiais do voleibol para ampliação do conhecimento geral referente ao jogo.

A partir disso, eles deveriam começar a reconstruir as regras do jogo, visando contribuir para a jogabilidade da turma. Com isso, aspectos importantes, como a dificuldade dos menos habilidosos, dificuldades no saque por parte das meninas, dentre outros, deveriam ser considerados.

Inicialmente, os alunos tiveram dificuldade para fazer a leitura do livro de regras, por ter um teor mais técnico. Com isso, pedi que eles destacassem os pontos em que as dúvidas surgiam para que pudéssemos discutir na aula seguinte. Com o andamento da leitura, ficou evidente que o novo caderno de regras deveria ser menos formal e de mais fácil compreensão.

Após a leitura, disponibilizei o meu computador pessoal para reelaboração das regras. Inicialmente, os alunos removeram todas as regras oficiais que jogavam não necessárias para o jogo na escola. Na sequência, incluíram regras que acreditavam ser importantes para a jogabilidade da turma e incluíram as novas medidas realizadas por outro grupo, responsável pela nova marcação, e outras propostas decididas em conjunto com a turma. Por último, tiveram o desafio de dar um novo visual e uma nova leitura ao caderno de regras.

Nesse cenário, um dos alunos que tinha intimidade com o Canva, que é uma plataforma *on-line* de *design* e comunicação visual conhecida por ser fácil de usar e por oferecer uma grande variedade de recursos, propôs usá-lo. Para justificar o uso, o aluno destacou que, além de possuir modelos que poderiam ser usados para escrever o novo regulamento, a plataforma também tinha uma ferramenta que reescrevia parágrafos, deixando-os mais divertidos. Após discussão, o grupo decidiu usá-lo.

Durante o processo, os alunos utilizaram parte do que a plataforma oferecia e ajustaram aquilo que julgavam necessário para o entendimento de outros alunos.

Fotografia 1 – Adaptação e reconstrução de novas regras realizadas pelos alunos



Fonte: arquivo próprio.

Fotografias 2 e 3 – Reunião dos alunos para discussão sobre o novo regulamento



Fonte: arquivo próprio.



Fonte: arquivo próprio.

Dentro da reconstrução e discussão do regulamento, também foi proposto o desenvolvimento de uma súmula mais simples, pois a oficial não atendia à necessidade do grupo, além de ser de difícil entendimento pelos alunos.

Por meio da condução e dos objetivos desta pesquisa, foi possível inferir que uma abordagem do ensino do esporte nas aulas de Educação Física que contemple o ciclo de criação, recriação, vivência e avaliação tem o potencial de impactar de forma positiva a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes. Essa abordagem incentiva os alunos: a se engajarem, preservando sua individualidade e respeitando o próximo; a estabelecerem regras, desempenhando seus direitos e responsabilidades; a reconhecerem seus próprios limites; a estimularem sua criatividade e independência, com o objetivo compartilhado de praticar uma atividade envolvente e satisfatória para todos.

Nesse sentido, Reverdito e Scaglia (2009, p. 16) afirmam que “[...] o esporte por si, não tem significado, este está na sociedade que o transforma”. Portanto, levando em consideração o propósito educacional, o significado atribuído ao esporte deve permear o ensino-aprendizagem na escola. Os autores irão perguntar: “[...] que praticantes se formarão por meio da prática esportiva? Para que tipo de sociedade se formarão?”.

Portanto, o esporte possui um papel fundamental na integração de conhecimentos humanos, sendo crucial sua conexão com a vida escolar, pois o ambiente educacional espelha as visões e modelos de pensamento da comunidade, que exerce e sofre influência da cultura, tanto pela atuação do professor quanto pelas circunstâncias sociais que envolvem o desenvolvimento humano.

Os alunos foram incentivados a se envolverem ativamente em seu processo de aprendizagem, utilizando seus próprios conhecimentos, adquiridos por meio de experiências pessoais. É essencial promover estratégias educativas que permitam ao aluno estabelecer conexões entre os conhecimentos, facilitando a reflexão dentro e fora da sala de aula, fornecendo-lhe atitudes e habilidades, levando em consideração as diversas realidades socioeconômicas e culturais dos estudantes.

Desse modo, reconstruir e reinventar as aulas de Educação Física, por meio da autoria reflexiva, significa explorar as oportunidades para solucionar os desafios presentes no ambiente escolar relacionados a essa disciplina, por meio da adoção de uma prática pedagógica provocadora, que possa ir além dos currículos institucionais.

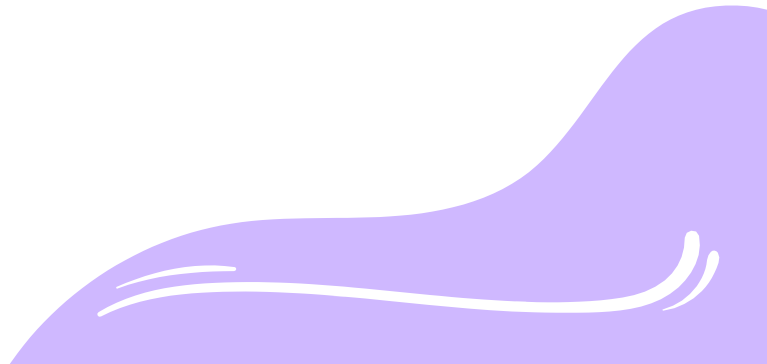
Abaixo, seguem algumas respostas de alunos a uma pergunta do questionário respondido no final da pesquisa. “Como você via e como vê o voleibol atualmente?”

Eu achava que nunca ia conseguir jogar, mais agora eu vejo que todo mundo consegue aprender. (aluna A. L., 8º ano C, questionário)

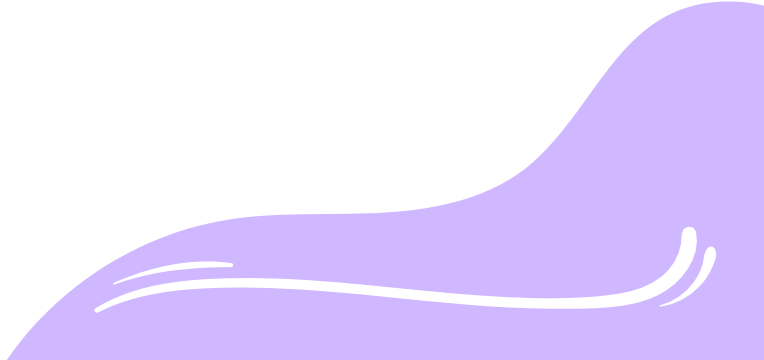
Eu gostava de assistir e agora eu gosto de jogar também. (aluno F. G., 8º ano C, questionário)

Portanto, o ensino do esporte pode contribuir para o surgimento de novas ideias, de novos símbolos, levando o aluno ao crescimento pessoal. Essa nova forma de visualizar o esporte nos auxilia na percepção de alguns termos e, conseqüentemente, a sua possibilidade de redefinição, levando em consideração os indivíduos que estamos formando. Como exemplo, podemos proporcionar novos sentidos aos termos competição e técnica, uma vez que suas raízes estiveram sempre ligadas ao alto rendimento.

Ademais, foi registrado um aumento expressivo da prática do jogo de voleibol na escola, que passou a ser também realizado em momentos como o recreio, aulas vagas, além de se tornarem recorrentes os pedidos para que a aula de Educação Física do dia fosse voleibol. Junto a isso, foi observado um aumento enorme na aceitabilidade dos menos habilidosos, na tolerância com os erros dos colegas, na cooperação e na jogabilidade dos alunos.



REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. *et al.* Práticas pedagógicas inovadoras em educação física escolar: os casos das professoras Maria e Gabriela. *In:* BRACHT, V.; ALMEIDA, U. R.; WENETZ, I. (Orgs.). **A educação física escolar na América do sul: entre a inovação e o abandono/desinvestimento pedagógico.** Curitiba: CRV, 2018. p. 67-84.
- DARIDO, S. C. Educação Física Escolar: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- HOFFMANN, J. M. L. Avaliar: respeitar primeiro, educar depois. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 6. ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2004.
- LORENZ, C.; TIBEAU, C. Educação física no ensino médio: estudo exploratório sobre os conteúdos teóricos. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 9, n. 66, nov., 2003. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd66/medio.htm>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- MAGALHÃES, U. M.; OLIVEIRA, U. Proposta Metodológica para o ensino do voleibol escolar: Possibilidades de intervenção na prática pedagógica. *In:* ALMEIDA, U. R.; RIGONI, A. C. C.; ANDRADE FILHO, N. F. de. (Org.). **Intervenção, pesquisa e produção do conhecimento.** São Paulo: Dialética, 2022, v. 1. p. 299-322.
- OLIVEIRA, U. Futebol de areia da iniciação ao treinamento no extracurricular. **Rev. Bras. Educ. Fís. Escolar**, v. 3, p. 22-35, 2021.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte:** jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.
- TAFFAREL, C. Z. N. Desporto educacional: realidade e possibilidades das escolas públicas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. **Movimento**, v. 6, n. 13, p. XV-XXXV, 2000.
- VAGO, T. M. Intervenção e conhecimento na escola: por uma cultura escolar de Educação Física. *In:* GOELLNER, S. (org.). **Educação Física/Ciências do Esporte:** intervenções e conhecimento. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999. p. 17-36.
- 



REGRAS OFICIAIS DE VOLEIBOL DA

EMEF “Euvira Benedita Cardoso da Silva”

2023

Aprovado pelo 01º Congresso interno do 8º C em 2023



REGRAS OFICIAIS DE VOLEIBOL DA

EMEF “Euvira Benedita Cardoso da Silva”

2023

Aprovado pelo 01º Congresso interno do 8º C em 2023

A ser aplicado em todas as competições internas a partir de 1º de janeiro de 2023.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

1 DIMENSÕES DA QUADRA.....	01
2 ZONA DE SUBSTITUIÇÕES	01
3 ALTURA DA REDE.....	01

CAPÍTULO 2: PARTICIPANTES

4 EQUIPES.....	02
5 RESPONSÁVEIS.....	02
6 TÉCNICO	02

CAPÍTULO 3: FORMATO DO JOGO

7 PARA MARCAR UM PONTO, VENCER UM SET E A PARTIDA	03
8 FALTA	03
9 RALLY	03
10 PARA VENCER UM SET.....	03
11 PARA VENCER UMA PARTIDA.....	03
12 EQUIPE AUSENTE	03
13 SORTEIO	04
14 FORMAÇÃO INICIAL DAS EQUIPES	04
15 POSIÇÃO	04
16 ROTAÇÃO.....	04
17 FALTA DE ROTAÇÃO.....	04
18 TOQUES DA EQUIPE	05
19 FALTAS AO JOGAR A BOLA.....	05
20 TOQUE NA REDE	05
21 PRIMEIRO SAQUE DE UM SET	05
22 EXECUÇÃO DO SAQUE.....	05
23 BLOQUEIO.....	06

CAPÍTULO 4: INTERRUPÇÕES, RETARDAMENTOS E INTERVALOS

24 NÚMEROS DE INTERRUPÇÕES NA PARTIDA.....	07
25 LESÃO	07
26 INTERVALOS E TROCAS NA QUADRA.....	07

CAPÍTULO 5: CONDUTA DOS PARTICIPANTES

27 REQUISITOS DE CONDUTA.....	08
28 JOGO HONESTO (“FAIR-PLAY”).....	08
29 CONDUTAS IMPRÓPRIAS E SUAS SANÇÕES	08

CAPÍTULO 6: ÁRBITROS

30 EQUIPE DE ARBITRAGEM E PROCEDIMENTOS.....	09
31 1º ÁRBITRO	09
32 RESPONSABILIDADES DO 1º ÁRBITRO.....	09
33 2º ÁRBITRO	10
34 O APONTADOR	10
35 APONTADOR ASSISTENTE.....	11
35 JUÍZES DE LINHA.....	11

ARBITRAGEM

A chave para ser um árbitro top é equilibrar justiça e consistência (ficando no meio da ação como um verdadeiro equilibrista). Assim, os jogadores podem confiar plenamente nele. Mas calma lá, o árbitro deve ser o maestro, não o ditador, regendo a orquestra do jogo com maestria, promovendo a diversão em vez de distribuir broncas.

Ao decifrar o porquê por trás de cada regra e explicar de forma clara seu papel no palco do "espetáculo", o árbitro se transforma em um elemento essencial para o sucesso do show, mesmo atuando em segundo plano e surgindo somente quando preciso. É como se um bom árbitro utilizasse as regras para transformar a competição em uma jornada incrível para todas as partes envolvidas.

Envolva-se!

Mantenha a bola voando!

Entenda o jogo!

CAPÍTULO 1

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

1. DIMENSÕES DA QUADRA

Considerando o voleibol, uma dança na quadra: Imagine um retângulo de 14 metros por 6 metros, com uma pista livre de 1 metro em volta para manobras radicais.

2. ZONA DE SUBSTITUIÇÃO

Aqui, a substituição rola solta, delimitada pelas linhas de ataque e a mesa do juiz.

3. ALTURA DA REDE

A rede se joga na horizontal, a 2,05 metros do chão para os marmanjos e para as garotas.

CAPÍTULO 2

PARTICIPANTES

4. EQUIPES

- a - Para arrasar no jogo, a turma pode ter até 15 craques, além de: O time técnico: um treinador, e um assistente, no máximo;
- b - Só os relacionados na lista mágica podem invadir a área VIP, participar do aquecimento e entrar em quadra.
- c - Um jogador é o capitão e vai ser o chefe da festa, conforme a lista mágica (súmula).
- d- É proibido o uso de objetos que possam causar lesões ou proporcionar qualquer vantagem ao jogador.
- e- Quem arrisca, usa óculos ou lentes de contato por conta e risco, hein?
- f- Para dar aquela força extra ou proteção, roupas de compressão são bem-vindas!

5. RESPONSÁVEIS

- a- Ambos, o capitão da equipe e o técnico são responsáveis pela conduta e disciplina dos membros de sua equipe.
- b - CAPITÃO: ANTES DA PARTIDA, representa sua equipe no sorteio.
- c - DURANTE A PARTIDA e enquanto em quadra, o capitão da equipe é o chefe em quadra. Quando o capitão da equipe não estiver em quadra, o técnico ou o capitão da equipe deve designar outro jogador em quadra, para assumir o papel de capitão.
- d- Quando a bola estiver fora de jogo, somente o capitão em quadra estará autorizado a dirigir-se aos árbitros para solicitar explicações sobre a aplicação ou a interpretação das regras assim como submeter os pedidos e perguntas de seus colegas de equipe;
- 2- Ao fechar o jogo, o capitão da equipe agradece aos árbitros e assina a súmula para confirmar o resultado;

6. TÉCNICO

- a - Enquanto rola o jogo, o treinador comanda as jogadas do lado de fora da quadra. Ele/a escolhe a formação inicial, os substitutos e pede tempo.
- b - ANTES DO JOGO, o treinador prepara a lista com os nomes e números dos jogadores da equipe, conferindo tudo direitinho e assinando no final.
- c - DURANTE O JOGO, o treinador pode pedir um tempo para descanso.

CAPÍTULO 3

FORMATO DO JOGO

7. PARA MARCAR UM PONTO, VENCER UM SET E A PARTIDA

a - Uma equipe marca um ponto caso: tenha êxito em fazer a bola tocar a quadra adversária; quando a equipe adversária comete uma falta e quando a equipe adversária recebe uma penalidade.

8. FALTA

a - Uma equipe comete uma falta ao transgredir quaisquer regras do jogo, ou violando-as de outra maneira. Os árbitros julgam as faltas e determinam as consequências de acordo com as regras;

b - Se duas ou mais faltas são cometidas sucessivamente, somente a primeira é marcada.

9. RALLY

Um "Rally" é tipo um duelo emocionante no mundo do voleibol, que começa no instante em que o saque é feito e só acaba quando a bola é considerada fora de alcance. E quando a poeira baixa, se uma equipe ganha o rally, ela marca um ponto e segue sacando, mas se é a outra equipe que leva a melhor, ela ganha o ponto e pega a responsabilidade de sacar em seguida.

10. PARA VENCER UM SET

Vencerá um set, (exceto o decisivo 3º set), a equipe que primeiro alcançar a marca de 15 pontos, com uma diferença mínima de 2 pontos. Em caso de empate em 14 x 14, a partida continua até que a diferença de dois pontos seja atingida (16 x 17, 18 x 19; ...).

11. PARA VENCER UMA PARTIDA

a - Vencerá a partida a equipe quem vencer dois sets.

b - No caso de um empate em sets por 1x1, o decisivo 3º set será jogado até que uma das equipes alcance a marca de 10 pontos, com uma diferença mínima de 2 pontos.

12. EQUIPE AUSENTE

a- A equipe que se recusar a jogar após ser convidada para tal, será declarada

ausente, desistindo da partida, que terá como resultado a derrota por 0x2 em sets, parciais de 0:15 em cada set.

13. _SORTEIO

Antes de começar a partida, o árbitro principal faz o sorteio para decidir quem vai fazer o primeiro saque e em qual lado da quadra cada time vai jogar no primeiro set. Se rolar o terceiro set decisivo, tem mais sorteio na área! Os capitães de equipe são presença obrigatória nesse evento emocionante. O vencedor do sorteio pode escolher entre sacar primeiro ou receber o saque, ou então decidir de que lado da quadra a festa começa. Já o perdedor fica com o que sobrar. Que vença o melhor time (ou o mais sortudo no sorteio)!

14. _FORMAÇÃO INICIAL DAS EQUIPES

a - Deve haver sempre seis jogadores de cada equipe em quadra.

b - A formação inicial da equipe indica a ordem de rotação dos jogadores em quadra. Esta ordem será mantida durante todo o set.

15. _POSIÇÃO

a - As posições dos jogadores em campo são como um jogo de quebra-cabeça numerado: três na frente - 4, 3, 2 (esq., centro, direita), e os outros três atrás - 5, 6, 1 (esquerda, centro, direita). Depois do saque, é hora do vale-tudo e todos podem trocar de posição!

16. _ROTAÇÃO

a - A rotação é como um balé coreografado onde a formação da equipe dita quem vai dançar primeiro, tudo coordenado pelo saque e pela posição dos jogadores ao longo do set.

b - Quando a equipe receptora ganha o direito de sacar, é hora do carrossel humano: o jogador da posição 2 se movimenta para a 1ª posição para sacar, o da 1 vai para a 6, e assim por diante.

17. _FALTA DE ROTAÇÃO

a - Quando alguém se atrapalha na rotação, é como cantar parabéns de trás para frente - tudo embaralhado! Isso traz consequências sérias, tipo: O juiz para a bagunça

com um apito e dá um toque na galeira, mas se a confusão continuar o time adversário

leva um pontinho de graça e ganha o próximo saque.

18- TOQUES DA EQUIPE

a - Um toque é qualquer contato com a bola realizado por um jogador em quadra. Cada time tem direito a, no máximo, QUATRO toques (sem contar o bloqueio) para mandar a bola para o outro lado. Se passar de três, a equipe comete uma falta de "QUATRO TOQUES".

b - Um jogador não pode tocar na bola 2 vez seguida. E o jogador pode acariciar a bola com qualquer parte do corpo. Até mesmo com os pés.

19 – FALTAS AO JOGAR A BOLA

a - CINCO TOQUES: quando o time fica de mimimi e dá cinco toques antes de devolver a bola para o time rival.

b - TOQUE APOIADO: um jogador apoia-se em um membro da sua equipe ou qualquer estrutura/objeto dentro da área de jogo para golpear a bola;

c - DOIS TOQUES: quando um jogador resolve dar uma de DJ e toca a bola duas vezes seguidas ou quando a bola resolve dar uma volta pelo corpo dele.

20 – TOQUE NA REDE

a - Quando alguém bloqueia, é como um "não encosta na rede". Se alguém toca na rede enquanto joga, é falta!

b - Quando a bola é enviada em direção à rede, de forma a ocasionar um contato entre um jogador e a rede, não há falta.

21 – PRIMEIRO SAQUE DE UM SET

a - O primeiro saque do 1º set, bem como o do 3º set decisivo, é executado pela equipe determinada no sorteio.

b - Os demais sets começarão com o saque da equipe que iniciou sendo a receptora do set anterior.

22 - EXECUÇÃO DO SAQUE

a - Antes da partida serão escolhidos 2 alunos com maior dificuldade de cada equipe no saque que poderão repeti-lo caso errem. As meninas poderão sacar 2 metros a frente da linha de fundo, o local será marcado com uma fita.

b - A bola deve ser golpeada com uma mão ou qualquer parte do braço.

c - Quicá-la ou movê-la entre as mãos é permitido.

d - No momento do golpe de saque ou da impulsão para o saque em suspensão, o sacador não pode tocar a quadra (incluindo a linha de fundo). Após o golpe, pode-se pisar dentro da quadra.

e - Não dá para enrolar: o saque tem que ser feito em até 8 segundos após o apito do árbitro.

d - O saque efetuado antes do apito do árbitro é anulado e repetido.

23 – BLOQUEIO

a - Bloquear é a ação dos jogadores próximos à rede para interceptar a bola vinda do adversário, estendendo-se acima do bordo superior da rede, não importando a altura que é feito o contato com a bola.

b - Quando um bloqueio acontece, não é considerado um toque da equipe. Por isso, após o bloqueio, a equipe tem quatro toques para devolver a bola.

c - E aí, sabia que depois de um bloqueio, qualquer jogador pode dar o primeiro toque? Até mesmo o mestre que fez o bloqueio!

d- É proibido bloquear o saque adversário.

CAPÍTULO 4

INTERRUPÇÕES, RETARDAMENTOS E INTERVALOS

- A interrupção é o momento entre o rally mágico completo e o apito do juiz para o próximo saque.
- As únicas interrupções permitidas na partida são o TEMPO DE DESCANSO e SUBSTITUIÇÕES.

24 – NÚMEROS DE INTERRUPÇÕES NA PARTIDA

- a** - Cada equipe tem direito a no máximo, um tempo de descanso e seis substituições em cada set.
- b** - Pedir um tempinho para descansar é tipo sinalizar um táxi em Nova York - precisa ser na hora certa, quando a bola tá fazendo um lanchinho fora de campo e antes do apito do árbitro autorizando o saque. Cada pausa é como um abraço com duração de 30 segundos.

25 - LESÃO

- a** - Na ocorrência de um acidente sério enquanto a bola está em jogo, o árbitro deve parar a jogada imediatamente e permitir a entrada de assistência médica em quadra. O rally deverá ser jogado novamente.
- b** - Se um jogador contundido não poder ser substituído, um tempo de recuperação de 3 minutos será concedido. Caso ele não se recupere, sua equipe poderá jogar com um a menos.

26 – INTERVALOS E TROCAS DE QUADRA

- a** - Um intervalo é aquela pausa entre sets. E acredite, todos duram dois minutos certinhos! É a hora perfeita para trocar de lado na quadra e recarregar as energias.
- b** - Após cada set, é hora do revezamento de quadras para as equipes, exceto no set decisivo (terceiro set). No set decisivo, quando a equipe líder atinge 8 pontos, as equipes mudam de lado rapidinho, mantendo suas posições. Se a mudança não acontecer quando a equipe líder chegar aos 8 pontos, ela deve ser feita assim que o erro for notado. O placar não muda durante a mudança.

CAPÍTULO 5

CONDUTA DOS PARTICIPANTES

27 - REQUISITOS DE CONDUTA

a - Jogadores, atenção! Sigam as regras, respeitem os árbitros, e pratiquem o fair play sem dramas. Se rolar uma dúvida, só o capitão pode bater um papo. Ah, e nada de tentar influenciar as decisões dos árbitros ou esconder aquela falta esperta da equipe!

28 – JOGO HONESTO (“FAIR-PLAY”)

a - Os participantes devem se comportar de forma respeitosa e cortês, com espírito esportivo ("FAIR PLAY") não somente para com os árbitros, mas também com outras autoridades, adversários, companheiros de equipe e espectadores.

29 – CONDUTAS IMPRÓPRIAS E SUAS SANÇÕES

a - Condutas impróprias menores não estão sujeitas a sanções. É dever do árbitro evitá-las.

É feito em dois estágios:

Estágio 1: com uma advertência verbal, através do capitão em quadra;

Estágio 2: utilizando-se de um CARTÃO AMARELO direcionado a um membro da equipe. Esta advertência não é considerada uma sanção, mas sim um alerta de que o membro advertido (e, por extensão, a sua equipe) alcançou o nível de sanção naquela partida. Não há qualquer consequência imediata.

CAPÍTULO 6

ÁRBITROS

30 – EQUIPE DE ARBITRAGEM E PROCEDIMENTOS

a - A galera da arbitragem para um jogo inclui os seguintes craques:

- o 1º árbitro,
- o 2º árbitro,
- o apontador,
- quatro (dois) juízes de linha.

31 - 1º ÁRBITRO

a - O 1º árbitro desempenha suas funções de pé sobre a cadeira de arbitragem, colocada em uma das pontas da rede, no lado contrário da mesa.

b - O 1º árbitro, comanda o espetáculo do início ao fim! Com total autoridade sobre a galera da arbitragem e os times, suas decisões valem ouro e são finais durante o jogo. Se pintar uma bola fora dos outros árbitros, ele/ela tem carta branca para corrigir. E olha só, até pode trocar um colega da arbitragem que não estiver no pique certo. Nada escapa desse mestre/mestra! E tem mais, ele/ela decide até mesmo as paradas fora de rota não previstas na regra. Ah, e não adianta chiar, discussão com ele/ela não rola!

c - No entanto, quando o capitão de uma equipe pedir na quadra, o árbitro principal vai dar uma explicação sobre a aplicação ou interpretação das regras que embasaram a decisão dele. O árbitro principal é o chefão na hora de decidir se a quadra, os equipamentos e as condições estão adequadas para o jogo.

32 – RESPONSABILIDADES DO 1º ÁRBITRO

a - Antes da partida, o 1º árbitro: inspeciona as condições da área de jogo, das bolas e dos outros equipamentos; realiza o sorteio com os capitães das equipes; controla o aquecimento das equipes.

b - Durante a partida, ele/ela está autorizado a: Emitir advertências para as equipes e sancionar condutas impróprias e retardamentos.

c - Decidir sobre: as faltas do sacador; as faltas no toque da bola; o contato faltoso do jogador com a rede.

33 - 2º ÁRBITRO

- a - O 2º árbitro desempenha suas funções fora da quadra de jogo, próximo ao poste, no lado oposto e de frente para o 1º árbitro.
- b - O segundo árbitro é tipo o assistente principal, mas com um toque de brilho próprio.
- c - Se o árbitro número um não puder apitar o jogo, o segundo árbitro entra em cena.
- d - Pode sem apitar de vez em quando, apontar faltas fora da sua alçada, mas sem exagerar com o chefe.
- e - Manda ver na supervisão dos anotadores.
- f - Fica de olho nos jogadores no banco e conta tudo pro árbitro principal se algo não estiver certo.
- g - Controla a galera no aquecimento.
- h - É o mestre das pausas, regula o tempo e bota ordem nas solicitações fora de hora.
- i - Conta os tempos de descanso e substituições de cada time, informando ao árbitro principal e ao técnico sobre o segundo tempo de descanso e as substituições.
- j - Se alguém se machuca, ele decide se rola uma substituição ou se dá um tempinho de 3 minutos para se recuperar.
- l - Durante o jogo, surge o árbitro número dois dando o show, decidindo, apitando e sinalizando: invasão no campo adversário e espaço debaixo da rede; o jogador mexendo onde não deve na rede, principalmente (mas não só) do lado da defesa.
- m - A bola batendo em algo proibido; a bola batendo no chão quando o juiz principal não consegue ver o toque;

34 – O APONTADOR

- a - O apontador, todo poderoso, governa sobre a mesa do apontador, sentado no trono oposto e de frente para o 1º árbitro.
- b - Ele/ela é o mestre da súmula e a preenche de acordo com as regras, cooperando com o 2º árbitro.
- c - Ele/ela usa uma campainha ou outro aparelho sonoro para comunicar irregularidades ou sinalizar aos árbitros o que estiver sob sua responsabilidade
- d - Antes da partida e do set, o apontador: registra a formação inicial de cada equipe a partir da papeleta de formação inicial.
- e - Durante a partida, o apontador: registra os pontos marcados; controla a ordem de saque de cada equipe e avisa aos árbitros sobre qualquer erro, imediatamente após o saque;

f - Está encarregado de reconhecer e anunciar solicitações de substituições dos jogadores pelo uso da campainha, e de registrar as substituições e tempos de descanso, controlando seu número e informando o 2º árbitro; anuncia aos árbitros o fim dos sets e a marcação do 8º ponto no set decisivo;

g - Registra advertências por conduta imprópria, sanções e solicitações indevidas; controla o intervalo entre os sets.

h - No final da partida, o apontador: registra o resultado final; e fecha com chave de ouro obtendo as assinaturas dos capitães e árbitros.

35 – APONTADOR ASSISTENTE

a - O ajudante do apontador faz o seu trabalho sossegado, ao lado do apontador, na mesa de apontar.

b - Ele/ela assiste o apontador em suas tarefas administrativas.

c - Se o apontador se tornar incapaz de prosseguir seu trabalho, o apontador assistente entrará em ação.

d - Antes do jogo começar, o apontador assistente: arruma a papelada reserva.

e - Durante a partida, o apontador assistente: opera o placar manual na mesa do apontador; confere se os placares estão corretos; se necessário, atualiza a súmula reserva e a entrega para o apontador.

36 – JUÍZES DE LINHA

a - Se só tiverem dois juízes de linha, eles ficam nos cantos da quadra, mais próximos à mão direita de cada árbitro, tipo numa diagonal a uns 1 a 2 metros do canto.

b - Cada um deles vai cuidar da linha final e da lateral do seu lado.

c - Os árbitros de linha entram em ação com suas bandeiras coloridas para um show de sinalizações: eles indicam se a bola está “dentro” ou “fora” quando ela se aproxima das linhas, se a bola está “fora” mas foi tocada por um jogador do time adversário, se alguém (exceto o sacador) pisa fora da quadra no momento do saque, e também apontam as faltas dos pés do sacador.

REFERÊNCIAS

CBV – Confederação Brasileira de Voleibol. Disponível em: https://cbv.com.br/wp-content/uploads/2023/07/regra_2021-2024_-_final.pdf.

Interclasse – EMEF “Euvira Benedita Cardoso da Silva”



SÚMULA - Voleibol

Jogo Nº

	X	
Placar do jogo	X	

Equipe:

Nome do jogador	Nº	Pontos											
		1º set											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
		13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
		25											
		2º set											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
		13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
		25											
		3º set											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
		13	14	15									

Cartão (marcar nº e cor)							
--------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Assinaturas: Técnico _____ ; Capitão _____

Equipe:

Nome do jogador	Nº	Pontos											
		1º set											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
		13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
		25											
		2º set											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
		13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
		25											
		3º set											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
		13	14	15									

Cartão (marcar nº e cor)							
--------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Assinaturas: Técnico _____ ; Capitão _____